

A ESSÊNCIA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

A essência da tecnologia da informação e da comunicação não é, como se supõe, nem sua estrutura técnica, nem sua funcionalidade e nem sua aplicação.

Murilo Cardoso de Castro¹

¹Doutor em Geografia pela UFRJ, com doutorado-sanduiche na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Doutor em Filosofia pela UFRJ.

Resumo

O artigo investiga a natureza essencial da moderna tecnologia da informação e da comunicação, atualmente encapsulada em todos os objetos técnicos que lidamos em nossa cotidianidade. Recorre-se ao pensamento de Heidegger sobre a essência da técnica, como guia nessa investigação.

Palavras-chave: Filosofia, Heidegger, Técnica, Tecnologia da Informação.

Abstract

The article investigates the essential nature of modern communication and information technology, nowadays encapsulated in every technical objects that we deal in our everydayness. Heidegger's thought about technique's essence is used as a guide in our investigation.

Keywords: Philosophy, Heidegger, Technique, Information Technology.

INTRODUÇÃO

Heidegger começa seu ensaio sobre a questão da técnica (2002, p. 11-38), examinando se as respostas dadas à questão “o que é a técnica?”, oferecem alguma indicação quanto a sua essência. Dizer que a técnica é um meio para certos fins ou dizer que é uma atividade do *ser* humano¹, não parecem afirmações que alcancem a essência da técnica. Com efeito, tratam-se de respostas solidárias entre si na referência ao fazer humano mas não à essência da técnica, na medida que este “fazer” dita fins e dispõe meios para tais fins.

A técnica é imanente à vida do *ser* humano, em seus domínios tanto do agir, voltado para o ato, quanto do fazer, voltado para o fato. Domínios aceitos, desde a Antiguidade Clássica, como do *actum* (grego *praxis*) e do *factum* (gr. *poiesis*); o primeiro regido pela sensatez ou prudência (gr. *phronesis*) mas com exercício eventual da técnica (gr. *techne*), e o segundo com regência e exercício exclusivo da técnica ou da arte². Segundo Heidegger (2012, p. 40), “o ἀληθεύειν [*aletheuein*] (desvelamento [desencobrimiento]) na τέχνη [*techne*] (arte) e na φρόνησις [*phronesis*] (circunvisão [prudência]) é orientado pela ποιήσις [*poiesis*] (produção) e pela πρᾶξις [*praxis*] (ação)”. Para o pensamento grego antigo, a *techne* não era uma habilidade ou uma destreza, ou um instrumento ou ferramenta de trabalho, mas sim um *modo de desencobrimiento* (gr. *aletheuein*) que “descerra o ente em sua afirmação ou negação”, segundo Heidegger (2012, p. 21) se referindo a Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, Livro VI, 3).

¹ A expressão “ser humano” é aqui apropriada com itálico em *ser* para enfatizar seu sentido equivalente ao termo chave do pensamento de Heidegger, *ser-aí* (*Dasein*) – guardião da verdade do *ser* que joga para e com o *ser* na instituição e constituição do humano *Aí*. (Os termos estrangeiros e chaves do pensamento heideggerianos estão em itálico, a não ser em respeito às citações)

² “[...] a prudência visa à ação, praxis, e a arte à produção, poiesis: a prudência não é então uma arte” (AUBENQUE, 1997, p. 34).

Na Modernidade, estes domínios acabaram todos eles submetidos à regência única da técnica moderna, que em sua essência ainda guarda a originalidade do *desvelamento* ou *desencobrimto* da *techne*, porém, lhe confere um sentido “exploratório”, condizente com a injunção de Descartes por se vir a ser “mestre e possuidor da natureza” (*Discours de la méthode*, I, 6). Assim, o moderno agir humano responde aos ditames da técnica moderna em seu teor exploratório de performances individuais ou coletivas, que vão ditar comportamentos individuais ou procedimentos coletivos institucionais. Da mesma maneira, o fazer humano responde aos processos de produção configurados aos requisitos técnicos industriais e de serviços, cada vez mais absorvidos por tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Recentemente, de modo acelerado, fazer e agir humanos são mais e mais apreendidos pela informatização que pretende tudo metamorfosear em algoritmos e dados simbólicos digitalmente codificados em programações computacionais e bases de dados. Usando o vocabulário de Heidegger (2002, p. 20), podemos dizer que a técnica moderna apropriada pelas TICs forma uma teia de *dis-posições* (*Bestellung*) e *dis-positivos* (*Bestelltes*)³, em cuja trama homem e mundo estão cada vez mais emaranhados, elevando os limites do possível⁴ muito além do sensível.

As TICs apropriam a técnica moderna segundo um caráter muito peculiar, a capacidade de operação com e sobre a razão, a fala e a memória humanas. Mas como essa peculiaridade se evidencia? A resposta está nos qualificadores desta tecnologia como “da informação e da comunicação”. A sua ação instrumental se dá em um contexto, sobre um material e segundo uma prática, distintos daqueles associados à técnica moderna em suas outras aplicações. O sentido peculiar do complemento qualificador “da informação” permeia a tecnologia em todos os seus aspectos, como aquilo de que é constituída e sobre a qual opera, inclusive até reduzindo o outro qualificador, “da comunicação”, a uma operação sobre troca de informações. A informação, enquanto o que é manipulado pelas TICs, é a *representação* (*Vorstellung*) da *dis-posição* da razão, fala e memória humanas, visando *desencobrimto explorador* que caracteriza a técnica moderna⁵.

Nas TICs, o algoritmo lógico-matemático da programação computacional e as estruturas de dados armazenadas em suas bases digitais perfazem a estrutura funcional daquilo que os complementos qualificadores “da informação e da comunicação” outorgam a esta tecnologia. Por sua vez, os dados digitalizados, segundo padrões e protocolos desta tecnologia, englobam e configuram o que alimenta e constitui a TIC, assim como o que dela resulta. A TIC, com os dados que processa, constitui e mimetiza uma possível representação da razão humana, a ser por ela explorada em sua operação onde interagem humano e dispositivo.

Nesta constituição e operação da TIC, se dá o arcabouço para o novo estatuto do ato e do fato humanos, projetado agora segundo bases puramente artificiais, sustentando e sustentada pela vigência da chamada informatização da sociedade. O humano de sua situação tradicional de ator e fazedor passa à condição de um simples “periférico”, ainda necessário para interação e operação da rede de TICs, desde o corpo humano, passando pela casa em que reside este corpo até o nível planetário dos corpos que habitam a Terra. A técnica como *desencobrimto explorador* se apropria das TICs, que em sua malha de operação e exploração do humano, o *desencobrem* enquanto processador com capacidade de cognição, de fala e de memória, agora em compartilhamento como “recurso humano” no papel de usuário ativo das TICs.

Mas como desde uma *techne* como *modo de desencobrimto* do ser humano se chegou à técnica como *desencobrimto explorador*. A *techne* “des-encobre, o que não se produz a si mesmo e ainda não se dá e propõe, podendo assim apresentar-se e sair, ora num, ora em outro perfil” (*ibid*, p.

³ Carneiro Leão em sua tradução do ensaio “A Questão da Técnica” soube apreender o jogo de palavras sobre o verbo alemão *stell* (pôr), que atravessa todo texto de Heidegger (2002, p. 11-38).

⁴ As pretensões e os dispositivos técnicos possibilitaram o êxito de muitas descobertas e inovações. Mas isso não prova, de modo algum, que as conquistas da técnica tenham tornado possível até mesmo o impossível. (HEIDEGGER, 2002, p. 85)

⁵ Doravante para não ser repetitivo, usaremos o termo “razão” em referência à razão, cognição, fala e memória humanas; usaremos também o termo “técnica” como se referindo à “técnica moderna” como desencobrimto explorador, e *techne* em referência ao modo de desencobrimto que caracterizava a técnica no pensamento grego antigo.

18). O *desencobrimto* da *techne* recolhe antecipadamente numa unidade o perfil (a forma) e a matéria de algo a fazer, em uma coisa pronta e acabada, determinando daí o modo de elaboração e desdobramento do fazimento (*poiesis*). “É neste desencobrimto e não na elaboração que a *techne* se constitui e cumpre em uma produção [*poiesis*]” (*ibidem*).

A técnica repousa no descobrimto. Se a técnica não se reduz à fabricação, nem aos saberes concernentes à produção e à utilização de instrumentos, é porque a fabricação só é possível na clareira prévia do descobrimto. (...) A produção conduz a coisa à luz da presença, na medida que ela se deixa guiar pelo ser da coisa. (MILET, 2000, p. 46)

E quanto à técnica moderna, vale esse resgate do sentido original grego? Certamente que sim, pois a técnica ainda guarda parte deste sentido da *techne*. Seria uma falácia, segundo Heidegger (2002, p. 18), interpretar a técnica moderna como algo de totalmente novo, assentado na moderna ciência exata da natureza. Mesmo a constatação da interdependência entre ciência e técnica, não diz nada “a respeito do fundo e fundamento em que se baseia esta dependência recíproca” (*ibidem*).

A técnica é também um *desencobrimto*, que não se desenvolve todavia numa *pro-dução* (*Her-vor-bringen*) no sentido de *poiesis*. “O desencobrimto que rege a técnica moderna é uma exploração” (*ibid*, p. 18-19). “Esta dis-posição, que explora [...] cumpre um processamento, numa dupla acepção. Processa à medida que abre e ex-põe [*herausstellt*]”. As TICs não são nossos simples instrumentos de processamento de informação e de exercício de comunicação, mas, através da técnica apropriada por estas tecnologias enquanto uma *dis-posição* que explora o humano, cumpre-se sua *maquinação*⁶, à medida que é aberta e ex-posta nossa capacidade de cognição, de fala e de memória a uma rede planetária. Trata-se da nova posição técnica que *dis-põe*, ou, como denominado anteriormente, trata-se de um conjuntar de *dis-posições* e *dis-positivos* de exploração da razão humana. Estabelece-se, portanto, uma cadeia de *pre-dis-posições*, *dis-posições* e *dis-positivos* que percorre um ciclo indefinido de exploração, armazenamento, processamento e disseminação de tudo em seu caminho de informatização da sociedade.

“O desencobrimto que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar” (*ibid.*, p. 20). O ciclo percorre no tocante à informação, uma extração de dados, sua transformação, seu armazenamento, sua disseminação, sua retroalimentação, como modos de processamento da razão humana codificada nestes e por estes dados. Um processamento assegurado por controle e segurança destes dados são marcas indelévels do *desencobrimto explorador* das TICs. “Em toda parte, se dis-põe a estar a postos e assim estar a fim de tornar-se e vir a ser dis-ponível para ulterior dis-posição. O dis-ponível tem seu próprio esteio” (*ibid.*, p. 20). Existe, portanto, uma experiência moderna do *desencobrimto da techne*: um *desencobrimto* que provoca a razão humana a liberar o que dela possa ser tratado e acumulado para exploração. A *disponibilidade* (*Bestand*) designa esta categoria, este modo em que vige e vigora tudo que o *desencobrimto explorador* atingiu. “No sentido da dis-ponibilidade, o que é já não está para nós em frente e defronte, como um objeto” (*ibid.*, p. 21), mas, atualmente, em alguma forma digital processável por algoritmos, armazenável em bases de dados e disseminável por uma rede.

O dar-se e propor-se da TIC caracteriza-se exatamente por um conjunto de *dis-posições* e *dis-positivos* que garantem o “dis-por do dis-ponível” (*ibidem*) enquanto informação, mimese por algoritmos e representação por dados, da razão humana para sua exploração. Mas o que está sendo posto em *dis-ponibilidade* para exploração, pela TIC? O humano ele mesmo. A razão humana passa até o limite atual das TICs por transformações através de *dis-posições* e *dis-positivos* que, no afã do *desencobrimto explorador* da técnica, a captam e processam como dados; a armazenam e sintetizam como informação; e a transmitem e disseminam em redes cada vez mais abrangendo o planeta.

Evidentemente, existem aplicações e aplicações das TICs. Existem aquelas mais comuns em que ela simula o escrever de um texto, como o fazíamos no passado recente com uma máquina de escrever – os atuais programas ditos de “processamento de texto”. E existem aquelas que vão mais

⁶ “[...] aquela interpretação do ente como o re-presentável e re-presentado” (HEIDEGGER, 2015, p. 107)

longe nesta simulação, por exemplo, a ilusão de visualização completa de uma área da superfície terrestre, dada por uma imagem de satélite sobrepostas a camadas de cartas viárias, de limites administrativos etc., que permite pela TIC uma análise de tudo que se apresenta neste “mapa virtual”, através de inúmeras funções de detecção e identificação, orientando e discriminando o que se apresenta sobre esta visualização – o chamado Sistema de Informação Geográfica (SIG).

Na primeira, substitui-se o instrumento de escrita, de um simples papel e lápis, ou de uma máquina de escrever, por um simulacro destas antigas tecnologias da escrita. A troca do instrumento de escrita afeta certamente a criação de um discurso escrito. Pelo armazenamento digital do texto, ganha-se o poder de manipulação e processamento do texto de diferentes maneiras, além da capacidade de sua transmissão e disseminação por toda uma rede de leitores. O texto digital transformado pelas *dis-posições* e *dis-positivos* neste “dar-se e propor-se”⁷ da técnica via TIC, faculta também o *desencobrimento* da razão humana em sua produção literária. Estes dados, ora digitais, tanto da operação de criação do texto, como dele em si, estão prontos para *exploração*, segundo as mais diferentes formas de análise de discurso que a razão tenha concebido e codificado em algum algoritmo implementável como aplicativo.

Na segunda aplicação exemplificada, dada a maior funcionalidade dos algoritmos na programação computacional do sistema, implementando a “razão geográfica” própria ao tratamento de imagens de satélite e mapas, pouco resta de liberdade ao usuário do sistema, na medida que o *dar-se e propor-se* da técnica via SIG está pronto a conduzir e até mesmo determinar todo seu uso. O usuário tende a se comportar, por inércia, ao funcionamento do sistema, como um mero acessório periférico deste engenho de representação e análise geográfica (DE CASTRO, 2014), respondendo a cada momento os comandos que este determina para seu uso.

Cabe lembrar que, para o SIG, as imagens de satélite e os mapas já foram anteriormente obtidas em formato digital, após sua captura e tratamento por outros conjuntos de *dis-posições* e *dis-positivos* que garantem sua futura exploração, como representações da Terra. Há uma corrente de *dis-posições* e *dis-positivos* crescente, assim como uma articulação e integração entre os elos desta corrente, segundo o “paradigma informático”⁸. A *dis-ponibilidade* conferida pelo *desencobrimento explorador* da técnica caracteriza-se, portanto, como típica de qualquer *dar-se e propor-se* da técnica via TIC, pois é imanente à natureza desta.

O desencobrimento já se deu, em sua propriedade, todas as vezes que o homem se sente chamado a acontecer em modos próprios de desencobrimento. Por isso, des-vendando o real, vigente com seu modo de estar no desencobrimento, o homem não faz senão responder ao apelo do desencobrimento, mesmo que seja para contradizê-lo. Quando, portanto, nas pesquisas e investigações, o homem corre atrás da natureza, considerando-a um setor de sua representação, ele já se encontra comprometido com uma forma de desencobrimento. Trata-se da forma de desencobrimento da técnica que o desafia a explorar a natureza, tomando-a por objeto de pesquisa até que o objeto desapareça no não-objeto da dis-ponibilidade (HEIDEGGER, 2002, p. 22).

Aparente e ilusoriamente, é a simples informação o que se explora de modo a ser beneficiado e armazenado no *dar-se e propor-se* da técnica apropriada pela TIC. Mas, enfim, o que é a informação? Simplesmente uma *representação*, como já foi visto. A informação, enquanto forma representacional de toda e qualquer coisa, com vistas a qual e sobre a qual se desenvolve um aplicativo de TIC, é sua estrutura de dados simbólicos, que é capaz de ser explorada através destes dados constitucionais e constituintes que definem a coisa via uma *representação*. O modelo informacional-comunicacional

⁷ “Dar-se e propor-se (ὑποκειῖσθαι) designam a vigência de algo que está em vigor” (HEIDEGGER, 2002, p. 15).

⁸ Pierre Lévy (1987, p. 131) dedicou um capítulo de sua obra *La machine univers* ao estudo do “paradigma informático”, que não é um corpo doutrinário sistemático com defensores e críticos declarados, mas o conjuntar atual de diferentes manifestações da emergência de um paradigma do cálculo de todas as coisas.

sob o qual se representa uma coisa através de sua informatização, seja esta coisa um ato ou um fato, é “processado” no *dar-se e propor-se* da técnica pela TIC, ou seja, é coletado, tratado, armazenado como estrutura de dados simbólicos ou como representação digital para exploração.

A *dis-ponibilidade* atual da técnica via TIC é quase absoluta. A TIC, como *dis-positivo* ou, como preferimos chamar, “engenho de representação”, permeia todas as atividades humanas. Sob sua regência, a informação e a comunicação ganham um aspecto ímpar na sociedade moderna. Mas é preciso cuidado para não enveredar por um aparente determinismo tecnológico, atuando desde “fora” por sobre o humano, afinal, onde está o *ser humano*, aí está o *modo de desencobrimento*, a *techne*, mesmo em sua versão moderna, *exploratória*.

Quem realiza a exploração que des-encobre o chamado real, como dis-ponibilidade? Evidentemente, o homem. Em que medida o homem tem este des-encobrir em seu poder? O homem pode, certamente, representar, elaborar ou realizar qualquer coisa, desta ou daquela maneira. O homem não tem, contudo, em seu poder, o desencobrimento em que o real cada vez se mostra ou se retrai e se esconde. (HEIDEGGER, 2002, p. 21)

Cabe então a pergunta: em que sentido este *dis-por* da técnica via TIC, a partir de uma *dis-ponibilidade* da razão humana, com vistas a sua *exploração*, pode ainda ser entendido como um *des-encobrimento*? No sentido que ele, o *desencobrimento*, obedece a uma injunção desde a *techne*, visando descerrar o ente, até sua exaltação exploratória na própria essência da técnica moderna, a *com-posição*⁹. Como muito bem afirma Milet (2000, pág. 46): “A com-posição é o traço fundamental da relação à presença – logo do desencobrimento – que dispõe a natureza como calculável. Característica da ciência moderna, tal atitude põe em obra, através da técnica, a representação matemática da natureza”; da qual a representação informacional-comunicacional é uma mimese e doravante um paradigma militante.

O *ser humano* é desafiado, é apelado a *des-encobrir* o real na modalidade da *dis-posição*, como *dis-ponibilidade*, pela *com-posição*, que atua soberana como uma “força de reunião daquele por que põe” (HEIDEGGER, 2002, p. 23). A *com-posição* é o tipo de *des-encobrimento* vigente na técnica, mas que não é nada técnico. Na *com-posição*, encontram-se o “pôr” da exploração e o “pôr” da *poiesis*, que faz o real vigente emergir para o *desencobrimento*. Apesar da essência comum, como modalidade do *desencobrimento* da *techne*, a diferença está, no caso da técnica moderna, no *desencobrimento* do real como *dis-ponibilidade*, no “dis-por explorador” (*ibid.*, p. 24). A abordagem da técnica pelos lados instrumental ou antropológico só faz sentido ao reconhecer-se esta dimensão imanente de *desencobrimento* do real como *dis-ponibilidade*.

Na própria acometividade das ciências modernas da natureza e do homem a seu objeto de estudo, o seu modo de representação científico encara tanto a natureza como o humano, como um sistema operativo e calculável de forças. A declarada “experimentação” destas ciências já se manifesta na condição de retratar seu “objeto de estudo” como um sistema de forças que se pode operar previamente, dispondo-o para testes e experimentos. Do mesmo modo, este sistema de forças pode ser modelado e implementado como um sistema de informações¹⁰, segundo os desígnios e protocolos da TIC, possibilitando análises e simulações sobre o objeto de estudo científico. A TIC explicita, assim, a essência da técnica, a *com-posição*, em toda a vigência e vigor de seu *dar-se e propor-se*. A essência da

⁹ Sendo desencobrimento da *dis-posição*, a técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem. Por isso, temos de encarar, em sua propriedade, o desafio que põe o homem a *dis-por* do real, como *dis-ponibilidade*. Este desafio tem o poder de levar o homem a recolher-se à *dis-posição*. Está em causa o poder que o leva a *dis-por* do real, como *dis-ponibilidade*. [...] Chamamos aqui de *com-posição* (*Ge-stell*) o apelo de exploração que reúne o homem a *dis-por* do que se *des-encobre* como *dis-ponibilidade*. (Heidegger, 2002, p. 23)

¹⁰ Se a física moderna tem de contentar-se, de maneira crescente, com o caráter imperceptível de suas representações, esta renúncia ao concreto da percepção sensível não é decisão de nenhuma comissão de cientistas. É uma imposição da regência da *com-posição* que exige a possibilidade de se *dis-por* da natureza, como *dis-ponibilidade*. Por isso, apesar de ter abandonado a representação de objetos que, até há pouco, era o único procedimento decisivo, a física moderna nunca poderá renunciar à necessidade de a natureza fornecer dados, que se possa calcular, e de continuar sendo um sistema disponível de informações. (Heidegger, 2002, p. 26, grifo meu)

técnica mostra-se, assim, explicitamente em seu *dar-se e propor-se* via TIC, onde a *com-posição* é mais que um apelo, é um imperativo. O humano é de tal modo absorvido neste e por este *dar-se e propor-se*, que se torna mais uma *dis-posição* e um *dis-positivo* de qualquer aplicação da TIC, enquanto engenho de representação universal.

Na essência da TIC, a *com-posição* não se encontra na montagem dos equipamentos e programas em um engenho de representação, mas na modalidade informacional-comunicacional como a razão humana se *des-encobre* como *dis-ponibilidade* em, por e para este engenho, e assim como modalidade passível de captura de dados, seu tratamento, seu armazenamento, sua exploração e sua disseminação. Este modo de *desencobrimento* não se dá fora de toda ação humana, mas também “não acontece apenas *no* homem e nem decisivamente *pelo* homem” (*ibid.*, p. 27). O homem encontra-se seduzido e tentado pela TIC, por sua natureza de engenho de representação, por suas imensas possibilidades de exploração do resultado da codificação de sua razão, assim como de toda razão coletiva. “Assim desafiado e provocado o homem se acha imerso na essência da *com-posição*” (*ibidem*). É seu destino, mas não sua fatalidade¹¹.

No auge da técnica, onde a TIC se manifesta como forma concreta da metafísica da Modernidade, permeando todas as atividades humanas, o perigo é grande. Onde a essência da técnica moderna, a *com-posição*, revela-se em seu *dar-se e propor-se* via TIC, o perigo é intenso. Como sempre, abrem-se caminhos, possibilidades diante de tal perigo iminente, à medida de uma autêntica aquiescência do que reina soberano. Uma possibilidade é seguir o curso ditado pela essência da técnica, à qual o homem não apenas responde, mas em, de e a ela “se com-põe”. A outra seria o dar-se conta do estar emaranhado em tantas *dis-posições* e *dis-positivos*, e aquiescer a “essência do que se des-encobre e seu desencobrimento, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença enca recida ao desencobrimento” (*ibid.*, p. 29).

Do mesmo modo, em que a natureza, expondo-se como um sistema operativo e calculável de forças, pode proporcionar constatações corretas, mas é justamente por tais resultados que o desencobrimento pode tornar-se o perigo de o verdadeiro se retirar do correto.

O destino do desencobrimento não é, em si mesmo, um perigo qualquer, mas o perigo.

Se, porém, o destino impera segundo o modo da com-posição, ele se torna o maior perigo, o perigo que se anuncia em duas frentes. Quando o descoberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não-objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da dis-ponibilidade - então é que chegou à última beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade. E é justamente este homem, assim ameaçado, que se alardeia na figura de senhor da terra. Cresce a aparência de que tudo que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem. Esta aparência faz prosperar uma derradeira ilusão, segundo a qual, em toda parte, o homem só se encontra consigo mesmo. Heisenberg mostrou, com toda razão, que é assim mesmo que o real deve apresentar-se ao homem moderno. Entretanto, hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência. O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca e ex-plora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela ex-ploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso nunca pode encontrar-se, apenas, consigo mesmo. (Heidegger, 2002, p. 30)

Um exemplo já dado pode ilustrar sobejamente esta reflexão. No uso de um SIG para análise de imagens de satélite combinadas com mapas, o homem cria a ilusão de uma perspectiva de lugar nenhum sobre a superfície da Terra (a perspectiva de um deus?) de onde visualiza as imagens da

¹¹ A essência da técnica moderna repousa na *com-posição*. A *com-posição* pertence ao destino do desencobrimento. Estas afirmações dizem algo muito diferente do que a frase tantas vezes repetida: a técnica é a fatalidade de nossa época, onde fatalidade significa o inevitável de um processo inexorável e incontornável. (HEIDEGGER, 2002, p. 28)

Terra. Um “lugar nenhum” ainda assim definido, segundo os parâmetros do espaço e do tempo, mas infinitamente distante das proximidades e vizinhanças onde o homem habita. Nesta posição, o homem é levado pela tecnologia a uma *dis-posição* privilegiada para fazer diferentes juízos sobre o que vê; juízos estes determinados pelo mapa virtual da região de estudo, ou melhor, pela ilusão geográfica de uma representação que lhe é dada pelo SIG operando desde um engenho de representação. Uma região da Terra se reduz a uma imagem artificial analisada e manipulada por um engenho de representação que tem entres suas *dis-posições* e seus *dis-positivos* um usuário, um humano “conectado” à TIC, que vive intensamente a quimera de ter alcançado a situação privilegiada pelo lema cartesiano da Modernidade, a condição de “mestre e possuidor da natureza”.

Embora na sua expansão como parâmetro espaço e tempo jamais admitam o encontro face a face de seus elementos, é precisamente quando espaço e tempo predominam como parâmetros para toda representação, produção e recomendação, ou seja, como parâmetros do mundo da técnica moderna, que eles alcançam de forma extraordinária o prevalecer da proximidade, ou seja, a proximidade dos campos do mundo. Quando tudo se dispõe em intervalos calculados e justamente em virtude da calculação ilimitada de tudo, a falta de distância se espraia e isso sob a forma de uma recusa da proximidade de uma vizinhança dos campos do mundo. Na falta de distância, tudo se torna indiferente em consequência da vontade de asseguramento e apoderamento uniforme e calculador da totalidade da terra. A luta pela dominação da terra entrou em sua fase decisiva. A exploração total da terra mediante o asseguramento de sua dominação só se instaura quando se conquista fora da terra a posição extrema para o seu controle. A luta por essa posição consiste no cálculo constante onde todas as referências entre todas as coisas se converte na ausência calculável de distância. Isso constitui a desertificação do en-contro face a face dos quatro campos de mundo, a recusa de proximidade. Nessa luta pela dominação da terra, espaço e tempo alcançam seu predomínio máximo enquanto parâmetros. Todavia, o seu poder irrefreado só é possível porque espaço e tempo já e ainda são outra coisa do que os bem conhecidos parâmetros. O caráter de parâmetro oblitera a essência do espaço e do tempo. O parâmetro encobre sobretudo a relação de sua essência com a essência vigorosa da proximidade. Mesmo sendo relações tão simples, elas se mantêm inacessíveis para o pensamento calculador. Onde elas se mostram, os hábitos representacionais impedem a sua visão (HEIDEGGER, 2003, p. 168).

Mas como muito bem afirma Heidegger, não são “as máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser mortífera” (*ibid.*, p. 30). A TIC e mesmo qualquer sistema construído sobre ela não são um problema, mas sim o sentido determinado por sua essência, a *com-posição*, à qual o homem faz questão de ignorar, vetando a si um *desencobrimto* mais originário. No exemplo do SIG, abandona a experiência de uma verdade mais inaugural, em prol da exatidão da imagem oferecida, em última instância, em prol do encantamento de uma “geografia virtual” à *disposição* de um “geógrafo virtual”, o SIG e não o geógrafo.

Dado que a verdade, *aletheia*, é o domínio comum das modalidades de *desencobrimto* seja da *techne* na *poiesis*, seja da técnica em sua essência, *com-posição*, o humano não saberia *des-encobrir* aquilo que é sem *ai* ter sido previamente convocado, ou seja, sem *ser-ai* (*Dasein*). Nenhum *desencobrimto* se dá senão aquele originário da co-pertinência do *ser* humano ao *desencobrimto* em si, que deste modo o põe a caminho¹² para o lugar de seu próprio *desencobrimto*. E se “o *desencobrimto* do que é e está sendo segue sempre um caminho de *desencobrimto*” (*ibid.*, p. 27), como alcançá-lo sem já estar em seu movimento?

A modalidade de *desencobrimto* vigente na *techne*, e mesmo a modalidade exploratória na *com-posição*, é um pôr a caminho do destino pelo qual o *ser* humano é regido, posto que este “en-

¹² A essência da técnica moderna põe o homem a caminho do de-sencobrimto que sempre conduz o real, de maneira mais ou menos perceptível, à dis-ponibilidade. Pôr a caminho significa: destinar. Por isso, denominamos de destino a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um *desencobrimto*. É pelo destino que se determina a essência de toda história. (HEIDEGGER, 2002, p. 27)

caminhamento” responde ao apelo da *verdade do ser* donde o humano tem seu *ser*, seu *ser-aí*. Mas não se trata de uma fatalidade nem de uma imposição, ou do determinismo tecnológico tão afirmado hoje em dia. Trata-se daquilo que mais se aparenta com a liberdade, dado seu parentesco íntimo com o *desencobrimento* que volta a encobrir, ou a re-velação que volta a velar. “Todo desencobrimento pertence a um abrigar e esconder. Ora, o que liberta é o mistério, um encoberto que sempre se encobre, mesmo quando se desencobre” (*ibid.*, p. 28).

A essência da técnica como destino da modalidade de *desencobrimento techne*, e até na *composição*, *ex-põe* o *ser* humano a um constante risco. Maior ainda na época da técnica moderna, quando o *ser* do *ente* se destina sob a modalidade aguda da *com-posição*. Ao *des-encobrir* o *ente* como objeto, o humano re-vela-se como sujeito e assim se diferencia e se distancia do *ser* do *ente*, determinado como objeto, enquanto se aproxima de sua *entidade*, para *dis-ponibilizá-la* para *exploração*, via sua *representação*, um modelo do objeto.

A maneira pela qual o *ser* humano é posto em risco é a *objetificação* (*Vergegenständlichung*). A *objetificação* leva o humano ao centro da *abertura* de *ser-em-o-mundo*, o expondo. A exposição engaja o humano de tal modo que ele vai com o risco. O risco é então para o humano, ao mesmo tempo, vontade e *representação*. *Representação*, à medida que o humano pertence à percepção de tal modo que o *ente* lhe faz face e o remete a si mesmo. Vontade, segundo Milet (2000, p. 91), à medida que ir com o risco é querer, e, ainda mais modernamente, querer *com-por*, *com-posição*.

A vontade está já engajada com a percepção. Perceber é querer. A vontade abre o horizonte no qual se realiza a *objetificação*. O fenômeno da *objetificação* é a técnica em operação. A *objetificação* enquanto desdobrar da vontade constitui um aspecto operacional da essência da técnica. Ou ainda, o risco, enquanto se determina como *objetificação* constitui outro aspecto sintomático da essência da técnica. Segundo Heidegger (2014, p. 345), “pela representação humana, a natureza é conduzida a comparecer diante do homem. O homem põe diante de si o mundo como objetivo por inteiro, e se põe diante do mundo. O homem dispõe o mundo sobre ele, e ele se produz para si mesmo a natureza”.

A com-posição não põe, contudo, em perigo apenas o homem em sua relação consigo mesmo e com tudo que é e está sendo. Como destino, a com-posição remete ao desencobrimento do tipo da dis-posição. Onde esta domina, afasta-se qualquer outra possibilidade de desencobrimento. A com-posição encobre, sobretudo, o desencobrimento, que, no sentido da ποιησις [poiesis], deixa o real emergir para aparecer em seu ser. Ao invés, o pôr da ex-ploração impele à referência contrária com o que é e está sendo. Onde reina a com-posição é o direcionamento e asseguramento da dis-ponibilidade que marcam todo o desencobrimento. Já não deixam surgir e aparecer o desencobrimento em si mesmo, traço essencial da dis-ponibilidade. Assim pois, a com-posição provocadora da ex-ploração não encobre apenas um modo anterior de desencobrimento, a pro-dução, mas também o próprio desencobrimento, como tal, e, com ele, o espaço onde acontece, em sua propriedade, o desencobrimento, isto é, a verdade (HEIDEGGER, 2002, p. 30).

"Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva", conforme citação de Hölderlin dada por Heidegger (*ibid.*, p. 31). No risco supremo, quando se instala a aparência de que tudo é *man made*, onde paira a ilusão de “encontrar-se apenas consigo”, o *ser* humano, com sua humanidade a errar na zona de perigo extremo, pode, ainda assim, abrir-se a uma aquiescência tal que permita se reconhecer e se redimir tal errância.

A técnica moderna via TIC não faz do humano “mestre e possuidor” nem da natureza nem do humano, mas apenas de simulacros, representações da razão humana, passíveis de exploração. Na constituição destas representações, se impõe à própria natureza humana um engenho com o disfarce de TIC, mas com a pretensão de *dis-por* o próprio humano para seu processamento e armazenamento.

A mimese da razão humana neste *dis-positivo* de representação está em *dis-ponibilidade* para *exploração*, como modo em que vige e vigora tudo o que o *desencobrimto explorador* alcançou até aqui de saber científico sobre a natureza do humano.

Hoje em dia, a escrita, a pesquisa, o diálogo, o estudo, entre outras atividades do homem, podem ser sustentadas por diferentes TICs, à “vontade de seu usuário”. Ou seja, em qualquer canto que haja um *dis-positivo* informacional-comunicacional, a vontade está assegurada de si mesma, tornou-se seu próprio motor enquanto sujeito e objeto em um agir ou fazer humanos.

O fundamento e o âmbito essencial da técnica moderna são essa vontade, que em toda intenção e apreensão, em tudo o que se quer e alcança, sempre quer somente a si mesma, e a si mesma armada com a possibilidade sempre crescente de poder-querer-a-si. A técnica é a organização e o órgão da vontade de vontade. Os grupos humanos, os povos e nações, os grupos e indivíduos não passam, em toda parte, de queridos dessa vontade, e não sua origem e seus senhores, mas são quase tão-somente cumpridores de má vontade (HEIDEGGER, 1998, p. 205).

Cabe, então, retomar a reflexão sobre a *com-posição* enquanto essência da técnica para ir onde cresce a salvação, no próprio perigo que ela *ex-põe*.

Até agora pensamos a palavra “essência” no sentido comum. Na linguagem da escola, “essência” diz aquilo que alguma coisa é, em latim, quid. A quidditas, a quiddidade, responde à pergunta pela essência de alguma coisa. O que, por exemplo, convém e pertence a todas as espécies de árvores; carvalho, faia, bétula, pinheiro, é uma mesma arboridade, o mesmo ser-árvore. As árvores reais e possíveis caem todas sob esta arboridade, como seu gênero comum, o “universal”, no sentido de genérico. Será, então, que a com-posição, a essência da técnica, constitui o gênero comum de tudo que é técnico? Se fosse assim, a turbina a vapor, o transmissor de rádio, o ciclotrônio seriam uma com-posição! Ora, o termo “com-posição” não diz, aqui, um equipamento ou qualquer tipo de aparelho. Diz, ainda menos, o conceito genérico destas dis-ponibilidades. As máquinas e aparelhos são tampouco casos e espécies de com-posição, como o operador na mesa de controle ou o engenheiro no escritório de planejamento. Tudo isto, sendo peças, dis-ponibilidades e operadores de dispositivos, pertence, cada qual a sua maneira, à com-posição, mas esta, a com-posição, nunca é a essência da técnica, entendida como um gênero. A com-posição é um modo destinado de desencobrimto, a saber, o desencobrimto da exploração e do desafio. Um e outro modo destinado é o desencobrimto da produção, da poiesis. Esses modos não são, porém, espécies que, justapostas, fossem subsumidas no conceito de desencobrimto. O descobrimto é o destino que, cada vez, de chofre e inexplicável para o pensamento, se parte, ora num des-encobrir-se pro-dutor ora num des-encobrir-se ex-plorador e, assim, se reparte ao homem. O de-sencobrimto ex-plorador tem a proveniência de seu envio no des-cobrimto pro-dutor, ao mesmo tempo em que a com-posição de-põe num envio do destino a poiesis. (HEIDEGGER, 2002, p. 32)

A essência tem que ser pensada como vigência no sentido de duração no tempo. E esta duração, no pensamento originário grego, deve ser entendida como o que perdura, o que permanece em tudo o que ocorre e se dá. Para Heidegger, deve-se inserir uma outra conotação, a de “continuar a conceder”, que justamente permite re-encontrar a essência da técnica na *com-posição* como destino, reunindo perigo e salvação, simultaneamente, para o *ser humano*.

A ambiguidade simultânea de perigo e salvação na essência da técnica requer uma postura justa diante do *desencobrimto* sob a égide da *com-posição*, para que não seja a *dis-ponibilidade* para *exploração* o único resultado alcançado. O fascínio pelo *desencobrimto explorador* promovido pela técnica via TIC não pode e não deve ofuscar a simultânea ação salvadora da *com-posição*, no proporcionar o exercício de um ver além das *dis-posições* e dos *dis-positivos* em direção à verdade

que se deixa *des-encobrir*. Ver que se acentua ainda mais e mais segundo a aquiescência e o *deixar-ser* (*Sein-lassen*) se dando na contingência e circunstância de qualquer *desencobrimento* da técnica.

Por esta razão, Heidegger encerra sua “questão da técnica” com um convite: resgatar o sentido maior e originário do termo grego *techne*, o *desencobrimento* ele mesmo. Neste sentido, acha-se a possibilidade de um reencontro também com o sentido da *poiesis*, o poético. “Outrora, chamava-se também de *techne* o desencobrimento que levava a verdade a fulgurar em seu próprio brilho” (*ibid.*, p. 36).

Não sendo nada de técnico a essência da técnica, a consideração essencial do sentido da técnica e a discussão decisiva com ela têm de dar-se num espaço que, de um lado, seja consanguíneo da essência da técnica e, de outro, lhe seja fundamentalmente estranho.

A arte nos proporciona um espaço assim. Mas somente se a consideração do sentido da arte não se fechar à constelação da verdade, que nós estamos a questionar (HEIDEGGER, 2002, p. 37).

Neste sentido, um caminho seria repensar as TICs como objetos de arte, a exemplo da tentativa ainda preliminar de Pierre Lévy (1992). Sua natureza de engenho de representação seria então reavaliada segundo princípios de uma arte há algum tempo denegrida, a retórica. Um engenho de representação informacional-comunicacional, desenhado segundo a retórica, esta arte da expressão efetiva de teses, não se preocuparia tanto com a produção de efeitos, ou com a simples reprodução de verossimilhanças imaginárias. Os princípios originários da retórica, visando à re-revelação da verdade, poderiam dar outra configuração à *com-posição* em operação via TIC, conformando o *dar-se e propor-se* da técnica moderna via TIC à nobreza do regimento de uma disciplina que prima, segundo Heidegger (2009, p. 75), realização plena da auto-interpretação do *ser* humano nos atos e fatos de informação e de comunicação.

Mas esta é uma outra história, talvez outro artigo... O fundamental, o urgente, diante da iminente *com-posição* informacional-comunicacional, da essência da técnica, é de se enfrentar a questão da essência da TIC, indo além de sua funcionalidade, estrutura tecnológica e aplicação, e de descerrar o mistério da informatização além das transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, que fomentam tanta fascinação e polêmica.

É preciso reconhecer que questionar a essência da TIC abre o homem à revelação contundente da própria essência da técnica, a *com-posição*. Questionar a essência da TIC propicia, de modo até então velado pela técnica industrial, se ver o risco latente ao domínio do *modo do desencobrimento* como modo de *ser* humano, desde a *techne* até técnica moderna, em toda sua plenitude. Desde este ver, é então possível aquiescer e *deixar-ser* o visto, no reconhecer do que salva em meio ao que põe em risco a própria humanidade.

CONCLUSÃO

A essência da atual tecnologia da informação e da comunicação foi considerada, em seu caráter comum, a própria essência da *techne* (*desencobrimento*) e da técnica moderna (*com-posição*). Foi também vislumbrada em seu caráter específico de “engenho de representação”. O termo “engenho”, sobremaneira, aponta e caracteriza a essência desta tecnologia, na medida que oferece algumas indicações importantes por conta de sua etimologia do latim *ingenium*. Primeiro, designa as qualidades inatas desta tecnologia, sua natureza e índole, qualificada como “da representação”; ou seja, uma tecnologia que implementa o que Heidegger (2014, p. 97) considera como característica única da Modernidade, em termos de determinada interpretação do *ente* por sua *objetificação* via *representação* e de determinada concepção da verdade, pela certeza destas *objetificação* e *representação* do *ente*. Segundo, pela provocação proposital à reflexão, de transposição de um termo ou noção (*ingenium*), de aplicação originária e exclusiva ao *ser* humano dotado de inteligência, fala e memória, doravante

transposto a uma tecnologia imaginariamente “dotada” pela simulação destes atributos da razão humana; a exemplo, da denominação já tão comum e ordinária de “inteligência artificial” ou “telefone inteligente” (*smartphone*), para aplicações atuais da tecnologia da informação e da comunicação.

REFERÊNCIAS

AUBENQUE, Pierre. *La prudence chez Aristote*. Paris: PUF, 1997.

DE CASTRO, Murilo Cardoso. *Sistema de Informação Geográfico ou sintetizador de ilusões geográficas*. New York: Amazon, 2014. Livro Kindle.

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Petrópolis: Vozes, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Basic Concepts of Aristotelian Philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. *Platão: o sofista*. Rio de Janeiro: Forense, 2012b.

HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à Filosofia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

LÉVY, Pierre. *La Machine Univers*. Paris: La Découverte, 1987.

LÉVY, Pierre. *De la Programmation Considerée comme un des Beaux-Arts*. Paris: La Découverte, 1992.

MILET, Jean-Philippe. *L’Absolu Technique. Heidegger et la question de la technique*. Paris: Editions Kimé, 2000.

Contato:

Nome: Murilo Cardoso de Castro

E-mail: murilocdecastro@gmail.com